

especialmente às emoções, tornando-os mais prazerosos de serem utilizados. Na defesa de suas afirmativas, o autor argumenta que sua teoria está “baseada em biologia, neurociência e psicologia” [18], apresentando três níveis de processamento, os quais ele denominou como visceral, comportamental e reflexivo. Segundo ele, estes três níveis têm sido aprimorados no decorrer da evolução humana, tornando-se cada vez mais sofisticados e desenvolvidos.

O primeiro nível, visceral, está diretamente associado aos nossos mecanismos de proteção básicos e primitivos, com reações automáticas, pré-programadas que nos levam aos impulsos involuntários. É o responsável por decisões rápidas que controlam o sistema motor de forma absoluta, ativando-o ou paralisando-o. O segundo nível, comportamental, nos permite o controle do comportamento cotidiano a partir daquilo que conhecemos, nossas experiências anteriores, sendo as ações de comportamento aperfeiçoadas ou inibidas pela camada reflexiva, que é o terceiro nível. Neste nível, denominado como reflexivo, ocorrem os julgamentos, trata-se “da parte contemplativa do cérebro”. [19]

Nesta mesma corrente, Löbach defende o enfoque naquilo que denomina como “comunicação estética”, sistema no qual ocorre a produção e o consumo estéticos, sendo o designer o emissor, o usuário o receptor e o produto o meio/elemento da comunicação. [20] No entanto, o aspecto de interesse dessa comunicação estética reside na relação entre pessoas e objetos e não no objeto em si, nem mesmo no trabalho exclusivo do designer. Vale lembrar o pensamento de Bonsiepe, para quem o “design se orienta à interação entre usuário e artefato [sendo que] o domínio do design é o domínio da interface”. [21] Este autor nos lembra ainda que o “design está linguisticamente ancorado no campo dos juízos” [22], sendo assim, podemos relacioná-lo ao juízo de gosto, de bom, de belo, apreendidos no campo de conhecimento oriundo da estética.

Se tomarmos o gosto como julgamento estético, chegaremos ao prazer da contemplação que consiste na experiência do encontro com

uma obra em sua multiplicidade de sentidos. Tomamos a reflexão de Mériam Korichi, ao apresentar e discutir os conceitos fundamentais da Estética, fazendo lembrar que “o gosto coloca em jogo a dimensão sensorial (o efeito) da aparição daquilo que podemos qualificar como belo e o julgamento sobre o qual esse prazer (ou desprazer) pode se fundamentar” [23]. Assim, os encontramos entre um gosto espontâneo, que não exprime necessariamente um julgamento, e um gosto refletido, que exige aprendizagem e se refere a regras pré-estabelecidas. Para a autora, a antinomia existente entre a espontaneidade e a lógica é “uma mistura indissolúvel de sensível e inteligível que constitui o domínio próprio da estética” [24].

Este imenso campo, no entanto, abrange diferentes aspectos como a estética do objeto (características configurativas) e a percepção estética (processo de significação da aparência estética), sendo importante a identificação dos valores estéticos atribuídos aos produtos e das normas estéticas fixadas e posteriormente reconhecidas nos produtos pelos usuários. Acessar este entremeio de informações é tarefa passível de realização, desde que chegue ao designer o resultado dos dados levantados acerca das opiniões dos usuários, entre as quais devem constar suas manifestações de gosto e de apreciação estética do produto e seu uso. Esta tarefa de coleta e análise de dados é denominada por Löbach como estética empírica, para a qual ele indica possibilidades de métodos de pesquisa como o desenvolvido por Jochem Gross em 1972, que auxiliariam no conhecimento dos valores esperados pelo usuário, aos quais o designer pode adicionar seus próprios conceitos sobre valor estético. [25]

Diante deste espectro de complexas relações entre os campos sensoriais da percepção humana, o ato de conceber produtos a partir das expectativas de seus possíveis usuários e, ainda, as condicionantes apresentadas pelos processos de produção industrial, reportamo-nos à formação dos futuros designers e à tentativa de prepará-los para situações com as quais irão deparar-se no exercício da profissão.